

Entrevista

As vozes do Pão: entrevistas com tipógrafas e tipógrafos

The Voices of Pão: Interviews with Typographers

Las voces del Pão: entrevistas a tipógrafas y tipógrafos

Ana Utsch^I , Marina Laís de Lima^{II} 

^I Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

^{II} Justiça Militar do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

Depois de situar o contexto de produção e patrimonialização da oficina tipográfica dos jornais Pão de Santo Antônio e Voz de Diamantina, apresentamos cinco entrevistas inéditas realizadas com tipógrafas e tipógrafos que atuaram nesse espaço ao longo do séc. XX.

Palavras chaves: Tipografia; Tipógrafos; Diamantina; Pão de Santo Antônio; Imprensa em Minas Gerais

ABSTRACT

After introducing the context of production and patrimonialization of the typographic workshop of the newspapers Pão de Santo Antônio and Voz de Diamantina, we present five unpublished interviews conducted with typographers who worked in this space throughout the 20th century.

Keywords: Typography; Typographers; Diamantina; Pão de Santo Antônio; Press in Minas Gerais

RESUMEN

Después de situar el contexto de producción y patrimonialización de la imprenta de los periódicos Pão de Santo Antônio y Voz de Diamantina, presentamos cinco entrevistas inéditas realizadas con tipógrafas y tipógrafos que actuaron en este espacio a lo largo del siglo XX.

Palabras claves: Tipografía; Tipógrafos; Diamantina; Pão de Santo Antônio; Imprensa em Minas Gerais

1 INTRODUÇÃO

Em 2014, ao longo do processo de preservação patrimonial que deu origem ao Museu Tipografia Pão de Santo Antônio¹ em Diamantina (MG-Brasil), tivemos a oportunidade de realizar uma série de entrevistas com os profissionais do mundo gráfico que atuaram na oficina tipográfica dos jornais *Pão de Santo Antônio* e *Voz de Diamantina*. Como não poderia

¹ Remetemos o leitor ao catálogo do museu: UTSCH, Ana (Org.). Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: patrimônio gráfico entre ação e preservação. Diamantina: Associação do Pão de Santo Antônio, 2015. Disponível em: <http://www.museutipografia.com.br/catalogos/catalogo2015.pdf>. Acesso em: 26 mar 2024.

deixar de ser, as entrevistas foram precedidas pela busca dos profissionais que por ali passaram ao longo do séc. XX, tipógrafos, chapistas, paginadores e impressores, tal como se autodesignavam, homens e mulheres, que deram forma e realidade aos impressos realizados ao longo de todo o século na antiga oficina tipográfica do “Pão”.

Esse material, de grande interesse para a cultura gráfica diamantinense e brasileira, além de trazer elementos que nos levam a desenhar os contornos de uma certa representação das figuras que compõem os trabalhadores do mundo gráfico – por parte dos próprios atores – também nos convida a uma experiência de linguagem capaz de traduzir um pouquinho da intimidade do cotidiano dos profissionais das letras de chumbo, com suas anedotas, memórias e experiências.

Dez anos depois da realização das entrevistas, que continuam inéditas, o dossiê temático da revista Gutenberg, “Los tipógrafos ayer y hoy”, nos pareceu um espaço ideal para a publicação dessas vozes que encontrarão, sem dúvida, maior ressonância no espectro de leitores demarcado pela singularidade da temática.

Trata-se de cinco entrevistas, realizadas com duas tipógrafas – assim indicava a carteira de trabalho – e 3 tipógrafos, que atuaram nas oficinas do jornal entre as décadas de 1940 e 1990: Lau Ferreira, Maria de Jesus Rocha, Hamilton Manso Rabelo, Mauro Moreira e José Haroldo Mendonça. Alguns asseguraram a produção gráfica dos jornais, com suas transformações, ao longo de décadas, outros passaram pela oficina por um período mais curto; mas o que as entrevistas nos mostram é que todos tiveram suas vidas atravessadas pela experiência com as letras, na sua radicalidade material, marcada pelo ritmo da composição, pelo vai-e-vem da caixa tipográfica, esvaziada e preenchida, a cada nova publicação. A cadência imposta pelo ato da composição e da distribuição dos tipos está marcada na memória dos cinco entrevistados.

Ainda antes de darmos a ler as entrevistas, deixamos aqui um breve relato, duas palavras, sobre os contextos de produção dos jornais que, inicialmente, deram origem a uma longa atividade gráfico-editorial, e, em seguida, à formação de um espaço patrimonial constituído no interior da sua antiga redação-oficina: o Museu Tipografia Pão de Santo Antônio.

1.1 Da oficina ao museu tipografia

A história dos jornais que deram origem à oficina tipográfica do Pão está diretamente vinculada à atuação de José Augusto Neves, que depois de uma formação em Direito volta para a cidade para atuar como professor de história e geografia, assumindo posições de destaque na intelectualidade local e fundando a Pia União do Pão de Santo Antônio, o recolhimento dos pobres inaugurado em 1901².

² Goodwin Júnior, J. W. Cidades de Papel: Imprensa, progresso e tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

Figura 1 - Exemplar do Jornal Pão de Santo Antônio, 2 de fevereiro. 1930



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

É nesse local, que 5 anos depois, em 1906, ele funda o jornal *Pão de Santo Antônio*, que aparece, inicialmente, como *Boletim Mensal da Pia União*, mas que, apesar da instabilidade da sua periodicidade – mensal, quinzenal ou semanal – rapidamente ultrapassa essa missão e ganha estatuto de jornal local, bastante diversificado, documentando os “progressos da cidade”, veiculando uma coluna social, publicando anúncios do comércio, discutindo comportamento, noticiando os grandes acontecimentos do Brasil e do mundo.

Os primeiros oito números foram impressos nas oficinas de Joviano & Cia., em Belo Horizonte, mas em seguida a tipografia do jornal Estrela Polar, em Diamantina, assume a tarefa, que, em 1920, passa a ser executada em oficina própria implementada pela Pia União após a compra de um prelo mecânico que, desde então, acompanha a história dos jornais, inclusive com a criação do museu em 2015. Em 1933 o jornal marca uma interrupção e em 1936 volta como *Voz de Diamantina*, cuja produção é interrompida em 1990 e retomada na ocasião do centenário, mas agora já impresso em gráfica rápida.

Figura 2 – Prelo mecânico da oficina tipográfica do Pão de Santo Antônio



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Essa longa atividade editorial-tipográfica, hoje em perspectiva patrimonial, desenvolveu duas categorias de acervos, uma museológica, constituída pelas máquinas e objetos remanescentes da antiga tipografia, e outra documental, composta pelos quase quatro mil exemplares dos jornais tipográficos. Além do grande prelo mecânico, tratava-se de máquinas degradadas, cavaletes e gavetas desfalcados, componedores enferrujados, clichês corroídos, matrizes desgastadas, tipos móveis oxidados, tinta ressecada, prensas e prelos enferrujados, e ainda de quatro mil exemplares de jornais impressos, naquele local,

ao longo de praticamente todo o século XX. Além de restaurados, os jornais também foram digitalizados e compõem um acervo digital da Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da Biblioteca Central da UFMG³. Finalmente, o processo de restauração, dos dois acervos, deu origem a uma hemeroteca, local onde os documentos estão acondicionados, podendo ser consultados, e ao espaço museal, que optou por manter, em seu projeto museográfico, a lógica ativa da oficina tipográfica e da redação dos antigos jornais.

1.2 Temporalidades

Ao nos debruçarmos sobre a permanência dessa pequena tipografia em funcionamento ao longo de todo o séc. XX, nos deparamos com uma realidade histórica e com materialidades que se revelam de forma singular fora dos grandes centros ou da prática da grande imprensa. De fato, ao pensarmos na capacidade instalada de produção desses pequenos jornais interioranos, com toda sua aparente precariedade, e nas suas condições econômicas e profissionais de existência, a manutenção das antigas práticas, com adaptações criativas, ganham muita coerência.

Ao ouvir as vozes dos tipógrafos e tipógrafas que vão aqui documentadas, podemos imaginar o que significaria a substituição tecnológica do modo de composição tipográfico para a composição em linotipo ou ainda para o offset. Sem dúvida, os custos materiais e simbólicos, de toda ordem, impostos por uma transformação tecnológica tão disruptiva detiveram a passagem do tempo, como assistimos em outros espaços de produção. Os regimes de temporalidade – marcados aqui pela permanência de um sistema técnico – parecem se sobrepor. A realidade gráfico-editorial de uma pequena tipografia do séc. XIX parece ter se mantido naturalmente, na continuidade do ritmo cotidiano dos trabalhadores, ao longo de todo o séc. XX.

Aliás, sem nenhum senso de urgência, e absolutamente resignado com o ritmo do seu trabalho de compositor-tipógrafo, Hamilton Manso Rabelo, que atuou ao longo de décadas na oficina do Pão, em diversas conversas e entrevistas, declarava levar uma semana em média para compor as quatro ou sei páginas do jornal, cuja periodicidade, semanal, quinzenal ou mensal estava atrelada à capacidade de trabalho da casa. É ele, também, que nos dá ainda testemunho sobre aspectos técnicos da produção, como, por exemplo, o uso criativo do mocotó para renovar os rolos de entintagem do prelo mecânico adquirido em 1920.

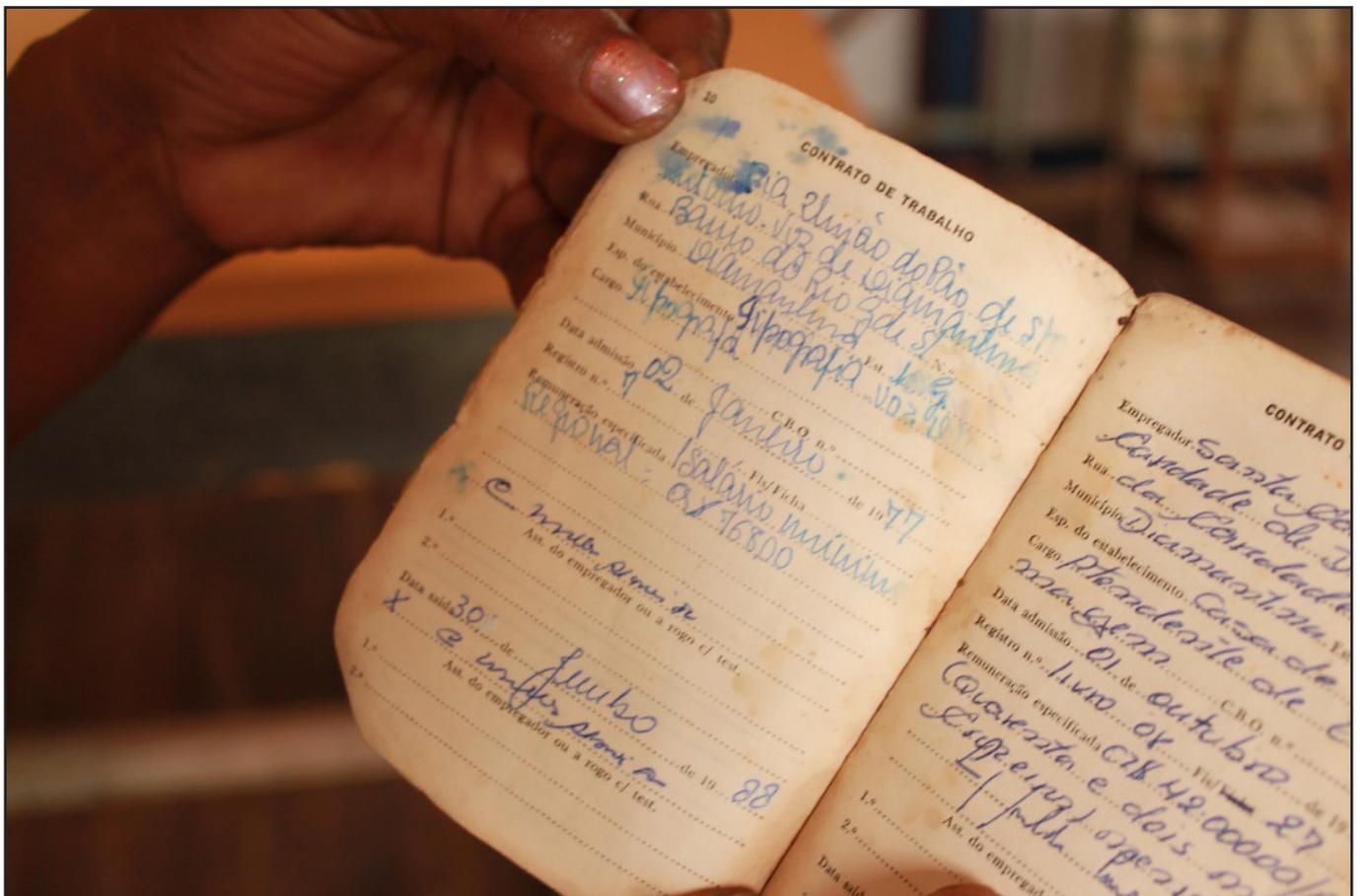
Outro aspecto relevante é, sem dúvida, a forte presença feminina na oficina dos jornais ao longo de diferentes períodos, em um meio pretensamente masculino. Fontes diversas e alguns estudos que se interessaram pelo tema nos mostram que as mulheres desempenharam papéis variados, incluindo a composição e a operação de máquinas de impressão, em oficinas tipográficas inscritas em diferentes realidades históricas, mas a

³ Ver a plataforma: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/especiais-e-raras/periodicos/jornal-pao-de-santo-antonio-e-voz-de-diamantina/

presença das mulheres na história do design e da atividade tipográfica começa apenas a constituir um campo temático, ainda pouco explorado no caso brasileiro.

As mulheres tipógrafas do Pão, que afinal parecem ter sido a maioria, mereceriam, sem dúvida, um estudo detido e documentado. Para além das mulheres aqui representadas nas entrevistas, Hamilton Manso Rabelo, que entra para a equipe em 1945, nos ajuda a dimensionar o alcance dessa realidade nas oficinas do Pão mencionando nomes de várias colegas em entrevista publicada por James W. Goodwin Júnior (2007, p.125): Ester Moraes, Antoninha, Lurdes, Zuca, Elza, Nair, Joaquina, Conceição.

Figura 3 – carteira de trabalho de Maria de Jesus Rocha, contratada como tipógrafa



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Com essas entrevistas, gostaríamos de reforçar que, para além do acervo museológico e documental constituído ao longo de quase cem anos de atividade tipográfica, o Museu Tipografia Pão de Santo Antônio também carrega a memória dos trabalhadores do mundo gráfico que por ali passaram. Essa memória apresenta-se, no museu, sob a forma dos rastros dos modos de produção deixados sobre os objetos que produziram, mas apresenta-se, também, sob a forma de registros visuais, textuais e audiovisuais, muitos ainda inéditos, que

nos ajudam a delinear a presença desses profissionais que ajudaram a estancar a passagem do tempo, na continuidade do cotidiano, nas oficinas do jornal *Pão de Santo Antônio*.

2 ENTREVISTAS COM TIPÓGRAFAS E TIPÓGRAFOS DO PÃO DE SANTO ANTÔNIO

As entrevistas que vão aqui transcritas foram estabelecidas a partir de material audiovisual registrado entre janeiro e fevereiro de 2014 na antiga redação-oficina do *Pão de Santo Antônio*, no âmbito do projeto Memória do Pão de Santo Antônio (2012-2015). O processo de edição das entrevistas contou com uma revisão gramatical, mas optamos pela manutenção de todos os marcadores de oralidade, com todas as suas repetições e coloquialismos. Em alguns casos, com o intuito de precisar o uso de determinados termos, puxamos notas explicativas. Os entrevistados, que também figuram aqui em fotografias e autorizam a divulgação das entrevistas e de suas imagens, são indicados pelos seus primeiros nomes e, por se tratar de uma conversa com vários interlocutores, os entrevistadores são aqui apontados como equipe do projeto (E.P.).

Figura 4 – Tipógrafos e tipógrafas da antiga tipografia do Pão de Santo Antônio



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Lau Ferreira

Figura 5 – Lau Ferreira



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Lau: Eu comecei a trabalhar aqui em 1983, né? A minha mãe pediu ao Cônego Walter para eu trabalhar, a gente era de família bem humilde, eu estava sem trabalho, precisava de trabalhar pra ajudar em casa, minha mãe veio e pediu ao Cônego Walter. Aí eu vim pra cá nessa data que eu disse. Fiquei aqui uns...cinco anos, me parece.

Foi legal, eu peguei bastante experiência, aprendi a trabalhar, né, como chapista⁴, compondo né. E... aprendi com os que já estavam né, porque já tinham outros funcionários antes de mim. Aí eles... o Aroldo me ensinou. Aroldo e Zu me ensinaram, eu aprendi e foi isso... e, no mais, foi legal, foi um tempo bom, entendeu? Na minha adolescência. É isso.

E.P.: Ótimo, e você trabalhava como chapista? Cada integrante da equipe tinha uma função específica?

Lau: A maioria era chapista. Tinha a Zu, que fazia as páginas, e Aroldo imprimia.

E.P.: O que faz um chapista, especificamente? O quê que é um chapista?

⁴ De acordo com o Dicionário Tipográfico, de Frederico Porta (Rio de Janeiro, Editora Globo, 1958, p.74): “Compositor que executa chapas tipográficas, o mesmo que biqueiro”.

Lau: Chapista é a composição total do texto, né? Junta as letras, letra por letra, forma as palavras até chegar ao texto [e a chapa], né, que a gente pega letra por letra, formando... as palavras, como eu já disse, até chegar ao texto.

E.P.: *O chapista monta a rama também? Depois dos textos todos compostos no compondor, e as linhas feitas, é o chapista que monta a rama que vai formar a página?*

Lau: Não, ele monta os textos... eu esqueci. Ele monta os textos, né? A pessoa pega a composição [o texto redigido], o diretor vem com a composição e passa pra gente, e a gente monta os textos nas letrinhas, né? E depois do texto formado eu passava pra Zu, né? É ela que formava as páginas⁵...

E.P.: *Era o paginador, né? É esse o nome que vocês usavam?*

Lau: A gente a chamava de paginador. É mais ou menos isso, entendeu... a gente ia compondo, né?

E.P.: *E o projeto gráfico, a disposição das imagens e das letras, do texto, para o jornal, era feito por quem?*

Lau: Os textos, quem que elaborava tudo era o Cônego Walter, o diretor.

E.P.: *É ele que elaborava também a apresentação do texto no jornal?*

Lau: Sim, claro. Ele quem era o diretor-redator, era ele que fazia... passava pra gente, a gente compunha e depois... até chegar ao jornal né.

E.P.: *Vocês tinham um modelo? Assim, por exemplo: um jornal que tem três colunas, a imagem vai aparecer logo abaixo da segunda coluna...*

Lau: Ah, isso aí já tinha os modelos. Já tinha os modelos. A gente pegava... eles pegavam dos outros jornais, e aí era a Zu, a parte dela. Ela já tinha um modelo.

E.P.: *A Zu trabalhava então com um modelo...*

Lau: É, e o Cônego Walter elaborava as matérias, né, as matérias eram feitas por ele, a composição das matérias. Ele trazia já pra gente escrito à mão, deixava ali, a gente ia escolhendo e cada um ia fazendo sua parte até chegar ao jornal completo.

E.P.: *Então era escrito a mão...*

Lau: as matérias eram escritas à mão. Ele escrevia à mão, às vezes ele usava máquina de datilografar também. Tinha uma máquina antiga aí, nem sei se vocês encontraram. Ele tinha uma máquina de datilografia, e ele datilograva às vezes e outras a mão. Era a mão e datilografado.

⁵ Paginador. De acordo com o Dicionário Tipográfico, de Frederico Porta (Rio de Janeiro, Editora Globo, 1958, p.301): "Paginador: O tipógrafo encarregado de reduzir a páginas os granéis de composição de um livro, periódico ou outro trabalho semelhante, dando-lhe a medida exata e colocando os títulos correntes, numeração, títulos de partes, notas, gravuras, etc.; compaginador".

Maria de Jesus Rocha

Figura 6 – Maria de Jesus Rocha



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Maria: Meu nome é Maria de Jesus; trabalhei aqui no *Voz de Diamantina* do ano de 77 até 88. Eu era é... eu compunha, né, a gente sempre compunha de terça até a quinta-feira, aí na sexta-feira fazia as páginas do jornal. Vocês até viram uma amostra minha né? E... na segunda-feira a gente tinha que desmanchar o jornal, né. Colocar as letrinhas nas caixinhas de novo pra depois...

Então, que mais? Para mim foi muito interessante na época, foi meu primeiro emprego né. Então aí depois que eu trabalhei aqui fui trabalhar com enfermagem, aposentei na área da saúde, então pra mim foi muito interessante, muito bom, as amizades que eu tenho até hoje, meus colegas, a gente, né, quando encontra... é muita amizade e tudo... Então é isso, tô um pouquinho tímida né gente? Acho que é só isso que eu posso falar no momento. Foi muito bom quando trabalhei aqui. Valeu.

E.P.: *Então, é... cada um dos funcionários do Pão de Santo Antônio e depois da Voz de Diamantina tinham uma função específica?*

Maria: Não, todo mundo compunha. Aí quando chegava o final de semana, um fazia a página. Na sexta-feira rodava né, imprimia o jornal.

E.P.: *Na sexta-feira imprimia?*

Maria: É, e no sábado a gente dobrava, dobrava o jornal, colocava o endereço da cidade para o padre levar para o correio pra distribuir.

E.P.: *Ah, vocês também faziam a distribuição do jornal...*

Maria: Não, a gente dobrava o jornal e colocava o endereço. O padre é quem levava para o correio... distribuía pra cidade...pro Brasil todo.

E.P.: *E na segunda feira...*

Maria: Desmanchava tudo de novo.

E.P.: *Desmanchava? A composição?*

Maria: É, pegava as páginas... desmontava as páginas e colocava as letras nas caixinhas.

E.P.: *As páginas compostas pelos tipos...*

Maria: Pelos tipos, é. Desmanchava os tipos e colocava tudo nas caixinhas de novo... pra poder recomeçar de novo.

E.P.: *Para poder recomeçar tudo na terça?*

Maria: tudo na terça, é.

Hamilton Manso Rabelo

Figura 7 – Hamilton Manso Rabelo



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Hamilton: Meu nome é Hamilton Manso Rabelo, funcionário antigo aqui do Pão de Santo Antônio. Trabalhei trinta anos fazendo a composição do jornal e montagem, ajudei

também na montagem da página, fazendo assim o jornal *Voz de Diamantina*. E nesse período eu não podia muito trabalhar direito, porque eu era muito doente, sofria de muitas coisas, muitas doenças, então de vez em quando eu tinha que ir pra Belo Horizonte fazer tratamento; e minha vida era assim... sem muito trabalho, né. Eu gostava muito de trabalhar direito, mas não sendo possível eu trabalhava muitas vezes pra poder ter saúde.

E agora estou aqui fazendo esse depoimento... pra todo mundo ficar sabendo o que é o meu trabalho aqui, né, no Pão de Santo Antônio.

E.P.: *Como que era a rotina do trabalho do senhor aqui, durante a semana?*

Hamilton: A rotina... eu nessa época eu morava numa casinha aqui em cima, nos fundos do hospital. Então de manhã eu vinha, descia o morro e vinha trabalhar. Na hora do almoço cortava o serviço, almoçava, voltava de novo, até cinco horas. Cinco horas eu lavava minhas mãos e tudo, mas ainda ficava algumas sujeirazinha, né? Aí eu ia embora pra casa, e no outro dia a mesma coisa.

E.P.: *E o senhor fazia composição e impressão?*

Hamilton: É, fazia composição, é. Pegava o original, né, que me cabia, e ia nas caixas aí, fazer a composição: catar tipo por tipo pra formar a palavra, né. E depois disso aí, tirava do componedor, com a mão, botava numa tabuazinha pra fazer a coluna, né. Formar a coluna. Daí, Miguel tirava, punha nessa prensa pequena aqui, tirava a prova e depois aí botava pra fazer a página, né? Aí... o pessoal passava a... tinta na máquina, rodava e saía impresso o jornal.

E.P.: *E o senhor nos disse que o jornal era distribuído em vários lugares do Brasil e do mundo...*

Hamilton: Do mundo também, é. Ia pra Japão, Estados Unidos, Alemanha... era aclamado o jornal.

E.P.: *E o senhor é que pensava a forma dos textos na página? Quando chegava o original, o senhor que decidia onde ia cada coluna, cada matéria?*

Hamilton: Tinha as caixas com os tipos. Cada tipo tinha um... "grau": tipo 8, tipo 10, né, tipo 6... Então conforme a notícia que a gente tinha de passar para as páginas, a gente ia naquela fonte de tipos, né. Eu... eu compunha sempre na fonte tipo 8, que é maiorzinha, né? Tirava e botava na chapa.

E.P.: *O senhor trabalhou com o seu José Augusto Neves? Ele era diretor quando o senhor entrou?*

Hamilton: Era do tempo dele. Seu Augusto Neves. Trabalhei muito tempo com ele ainda, né? Depois disso, que ele morreu, padre Walter entrou no lugar. Trabalhou muito tempo também, e depois que ele morreu, trabalhou Padre Lúcio. Padre Lúcio também... andou chefiando aqui por muito tempo.

E.P.: *Quantos anos o senhor tinha quando começou a trabalhar na tipografia?*

Hamilton: Acho que eu entrei pra aqui na idade de 16 anos, por aí [1945]. Doente... Não tinha saúde. Nessa época eu não tinha saúde não, era muito complicado.

E.P.: *O senhor ficou aqui até quando?*

Hamilton: até eu aposentar... 30 anos.

E.P.: *Quando não tinha recurso pra mandar consertar a rolaria [da máquina] fora daqui de Diamantina, com que o senhor... vocês faziam?*

Hamilton: Para puxar?

E.P.: *Revestir os rolos da máquina*

Hamilton: Ah, tinha os... vinha o fardo, né, de papel para o jornal. Então a capa do fardo a gente já usava pra forrar o cilindro, né. Miguel ele usava um pano de... não sei se era de feltro ou um outro trem macio, pra cobrir o cilindro de ferro, né, revestir. Depois vinha o papel com o corte pra poder passar o jornal.

E.P.: *Mas parece que os rolos eram feitos... os rolos de tinta que eram utilizados pra espalhar a tinta depois da composição...*

Hamilton: Eram feitos com material de... de mocotó. É uai.

E.P.: *Como era a feitura desse rolo?*

Hamilton: Miguel usava uma lata de querosene, com água. E dentro dessa lata ele usava outra lata com o material né, com o banho maria, aquilo ia derretendo e depois ele virava aquele mingau na forma e deixava na forma de um dia pro outro. Aí então tirava o rolo, tirava aquela coisa que ficava fora né, alisava ela e botava na máquina.

E.P.: *O senhor tocava essa máquina na mão, né?*

Hamilton: Era na mão. No tempo do seu José Neves era na mão... no braço, né. Agora depois que o padre Walter entrou pra aqui, é que colocou o motor nela.

E.P.: *E qual era a tiragem que vocês faziam?*

Hamilton: A tiragem era de mais ou menos dois mil pra cima, né? Por que aí ia pra toda parte né? Alemanha, Japão, Portugal... ia pra muita parte.

E.P.: *E qual que era o tempo que vocês levavam pra fazer uma tiragem de dois mil?*

Hamilton: Uma semana. Compondo né? Compondo e... agora pra fazer a tiragem era num dia só: é sexta-feira. Tirava na sexta-feira. Quando atrasava muito... por algum motivo. Então tirava de noite, era preciso tirar de noite, né? Várias vezes trabalhei de noite aqui.

E.P.: *Plantão, né?*

Hamilton: plantão... é.

E.P.: *E o senhor trabalhou, operou, também a máquina?*

Hamilton: Não, eu não. Eu não aguentava ela não... Ela é muito pesada para mim, né? Já toquei algumas vezes, mas não aguentei. Muito pesada...

Quem tocou a máquina aqui foi um asilado aqui no Pão, né, que ele até morreu coitado. Um tal de Zé Precápio. Ele tocava a máquina. Um outro também que já trabalhou aqui tocando máquina, acho que já morreu também, é o João Curvelo. Morava aqui embaixo.

Já morreu também. Depois disso... mais ninguém tocava a roda, que morria né? Aí padre Walter botou motor na máquina.

E.P.: *O senhor gostaria de ver a máquina funcionando novamente?*

Hamilton: Ah, gostaria! Eu tenho muita saudade dela. É muito interessante, a prancha vai-e-vem assim...

Mauro Moreira

Figura 8 – Mauro Moreira



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

Mauro: Muito prazer, meu nome é Mauro, né. É uma alegria muito grande estar aqui junto com o pessoal, né. Nós estamos, assim, resgatando uma memória de trinta anos atrás, que foi a época em que eu trabalhei nesse jornal maravilhoso, né, conhecido como *Voz de Diamantina*. E está sendo uma alegria muito grande pra mim estar aqui resgatando aquelas memórias maravilhosas que nós vivemos aqui...

Esse jornal... me impressionava muito o número de tiragem, é... as pessoas que gostavam de ler tanto do Brasil quanto fora do Brasil, isso me chamava muita atenção desde aquela época. Então pra mim é uma alegria muito grande estar aqui junto com esse pessoal... e valorizando uma história que não pode parar.

E.P.: *E como que era seu dia a dia de trabalho?*

Mauro: Olha, a gente sempre trabalhava com muita alegria. Com simplicidade, porém com muita alegria, uma equipe muito unida, alegre...

E.P.: *Quantas pessoas na equipe?*

Mauro: Na época que eu trabalhava eram cinco.

E.P.: *Cada um tinha uma função específica?*

Mauro: Sim. Tinha o paginador, tinha o operador da impressora e eu trabalhava como compositor, também, e fazia a parte de impressor as vezes.

E.P.: *E qual foi a época em que você trabalhou?*

Mauro: Trabalhei aqui na época de 1980 até 1983.

José Haroldo Mendonça

Figura 9 – José Haroldo Mendonça



Fonte: Museu Tipografia Pão de Santo Antônio

José Haroldo: Eu sou José Haroldo Mendonça, trabalhei aqui no Pão de Santo Antônio, que é ligado ao jornal *Voz de Diamantina*, no período de sete anos, comecei aqui aos dezesseis anos, né. E daqui eu fui pra outros lugares. Quando eu comecei a trabalhar aqui, foi substituindo meu irmão, Geraldo, que já tinha trabalhado aqui também. E ao todo, da minha família, passaram quatro pessoas: a minha mãe, antes de se casar, também trabalhou aqui ainda no Pão de Santo Antônio, na gráfica, o meu irmão mais velho, o João Antônio, depois passou o Geraldo e chegou na minha pessoa.

E quando comecei a trabalhar, eu não tinha noção nenhuma do que era uma tipografia, vim mesmo pra substituir meu irmão, que precisava de ir embora, já estava com emprego arrumado na capital, então eu vim pra substituí-lo. Aí com a ajuda das outras pessoas que já encontrei aqui, a Joaquina e a Antônia, as funcionárias mais velhas, e a Maria de Jesus. Elas foram me auxiliando.

Aí eu entrei e fiquei como responsável, porque os responsáveis pela tipografia eram as pessoas que trabalhavam diretamente na máquina. Aí eu comecei trabalhando na máquina [como impressor], fiquei como responsável durante os sete anos do meu trabalho, foram oito pessoas que eu ensinei a trabalhar e depois disso peguei e fui embora. Depois de sete anos.

E nesse período, tinha uma pessoa, um comerciante, ele sempre punha a propaganda dele, fazendo a propaganda no jornal. Ele viu que a propaganda não estava surtindo efeito. O que a gente poderia fazer já que não... estava surtindo efeito pra ele? Então eu resolvi colocar a propaganda dele de cabeça pra baixo, aí todo mundo lia, chamava a atenção. "Por que tá de cabeça pra baixo?" [falou o comerciante]. Era um motivo da pessoa estar lendo. E aí foi tranquilo: depois ele voltou, agradeceu e viu que dava certo.

Durante esse período que eu trabalhei aqui, quem ficava à frente do jornal era o Cônego Walter, que era responsável pelo asilo, Pão de Santo Antônio e também pelo jornal. Ele fazia a matéria, elaborava as matérias, e passava pra gente. Quando era um período assim de... janeiro, era férias coletivas de todos os funcionários, o jornal não trabalhava em janeiro, e no mês de junho a arquidiocese fazia retiro, então ele trazia poucas matérias pra gente porque ele estava no retiro arquidiocesano. Aí [nesse período] eu também ajudava a pegar as matérias básicas pra gente estar fazendo, então ficava na responsabilidade da gente estar fazendo o jornal.

O jornal era semanário, toda semana, todo sábado, saía o jornal com a data de domingo, a pessoa chegava em casa e se deparava com o jornal. Depois que eu saí daqui trabalhei em vários lugares, depois eu trabalhei na FEBEM em Couto Magalhães⁶ e depois a turma saiu. Estava o Gerônimo e outras pessoas que trabalharam aqui, eles pegaram e largaram.

Porque na época a gente trabalhava também, mas nem todo mundo era remunerado com salário, ninguém preocupava com questão de salário. A gente tinha o INSS e a carteira recolhida, mas não tinha [salário] porque o asilo, o Pão de Santo Antônio, o jornal em si, ele não dava um retorno que pudesse estar arcando com as despesas salariais de um funcionário. Aí depois que eu saí, o padre [Cônego Walter] me procurou e pediu: "Ó Haroldo, para que o jornal não acabe, você podia assumir a responsabilidade, nem que fosse soltando um jornal por mês". Então ficava eu sozinho durante um mês todo, eu trabalhava um mês... eu trabalhava um dia na escola FEBEM e outro dia eu estava trabalhando aqui fazendo o jornal.

⁶ FEBEM, ou Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor, atual Fundação CASA. Foi uma instituição brasileira voltada para adolescentes e jovens envolvidos em infrações e em situação de vulnerabilidade social. Couto Magalhães de Minas é um município próximo a Diamantina.

Então eu tinha que compor, tinha que ajudar a fazer correção, tinha que fazer tudo sozinho durante o mês todo, e a gente passava a imprimir lá na gráfica Estrela Polar.

Porque na Estrela Polar havia uma máquina mais moderna, a máquina do *Voz de Diamantina* gastava duas pessoas: uma pra colocar o jornal e a outra pra estar recebendo. Um colocava a folha e outro recebia o jornal pronto, né. E na gráfica Estrela Polar a máquina já fazia tudo, então a gente colocava a folha e do outro lado ela ia juntando os papéis.

Então eu fiquei trabalhando... durante um ano eu fiquei sozinho trabalhando no jornal, mas aí depois infelizmente já não teve como a gente estar continuando. Aí então acabou o jornal comigo expedindo uma vez só por mês.

E.P.: *Ah, nesse momento... e nesse período, sobre a composição da página, na verdade, a distribuição dos conteúdos, textos e imagens, é... que formam a página, isso era responsabilidade também do senhor?*

José Haroldo: Essa responsabilidade pertencia ao diretor, mas tinha o caso aí de várias pessoas que mandavam contribuição: o fórum mandava portarias, que eram determinadas pelo Fórum. A polícia militar quando pegava alguma coisa, as ocorrências deles eles passavam informações também, já mandavam o texto todo pronto. Mas essa parte toda ficaria por conta do diretor que era o Cônego Walter.

A nossa função era compor, fazer distribuição nos jornais, assim: as matérias mais recentes a gente colocava na primeira página e na última, porque o que era... impresso primeiro era as páginas de dentro, o jornal era composto por quatro páginas. Primeiro as páginas de dentro eram que compostas, eram as que se imprimia primeiro. Daí dois dias depois era que a gente imprimia as partes de fora, por isso que as notícias principais saíam na primeira e na última página.

E.P.: *Entendi. É... então quando falo de distribuição dos textos no jornal estou falando do projeto gráfico mesmo. Esse projeto gráfico... onde um determinado texto vai ficar, onde uma imagem vai ficar situada na página.*

José Haroldo: Na segunda feira a gente não compunha, a gente ficava por conta de desfazer né, a gente chama por um nome... Desfazer o jornal é fazer distribuição nas caixas de trabalho, então na segunda-feira a gente ficava por conta de distribuir as páginas de fora. Na terça-feira a gente começava a compor as páginas de dentro. Então se uma matéria já estava aí a gente já colocava ali dentro.

A gente tinha algumas coisas que já eram determinadas... as pessoas que mandavam as ajudas para o Pão de Santo Antônio já tinham uma coluna certa... a pessoa já podia pedir assim "eu quero que vá em tal lugar", então a pessoa já encontrava aquela matéria naquele determinado ponto. Os outros não, os outros a gente tinha que ir intercalando na medida que fosse necessário.

E.P.: *Então na verdade eram vocês que criavam o projeto gráfico...*

José Aroldo: O visual do jornal era a gente que criava. A gente tinha que saber qual lado que era mais... a notícia que era mais importante. O jornal na época tinha 1600 assinantes, que a gente tinha aqui, sendo que 1000 (ou 1200) iam pra fora, a gente tinha jornal que a gente mandava pra os Estados Unidos, mandava para São Paulo, Rio de Janeiro, todas capitais, porque os diamantinenses que moravam fora faziam a assinatura. Eles faziam em dois sentidos: primeiro, pra estar ajudando o Pão de Santo Antônio, e, segundo, pra saber as notas sociais. Nas notas sociais vinha a coluna “Quem faleceu”, quem está fazendo aniversário, porque era através desse jornal que as pessoas de fora poderiam entrar em contato, pra estar mandando nota, mandando telegrama, uma carta, porque era através dessas notas que sabiam quem tinha morrido. Então o jornal circulava muito em função dessas questões das notas sociais.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho contou com o apoio do CNPq através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Processo: 306287/2021-8).

REFERÊNCIAS

GOODWIN JÚNIOR, James William. **Cidades de Papel:** Imprensa, progresso e tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

GOODWIN JÚNIOR, James William. **Cidades de Papel:** Imprensa, progresso e tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, 2007.

PORTA, Frederico. **Dicionário de Artes Gráficas.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.

UTSCH, Ana (Org.). **Museu Tipografia Pão de Santo Antônio:** patrimônio gráfico entre ação e preservação. Diamantina: Associação do Pão de Santo Antônio, 2015. Disponível em: <http://www.mu-seutipografia.com.br/catalogos/catalogo2015.pdf>. Acesso em: 26 mar 2024.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

1 – Ana Utsch

Professora da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-3458-0301> e anautsch@gmail.com

Contribuição: Composição do manuscrito

2 – Marina Laís de Lima

Graduada em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-4498-9661> e marinalaisdelima@gmail.com

Contribuição: Composição do manuscrito